A re-volta dos camponeses e camponesas

A luta e a conquista da terra pelos trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra no Engenho Prado 1997 - 2005





Construindo a História Partilhando Nossa Resistência





Organização: José Plácido da Silva Júnior Renata Costa Cézar de Albuquerque Padre Tiago Thorlby

Equipe de sistematização ampliada:
Ana Paula da Silva Florêncio
João Tomaz de Aquino
José Plácido da Silva Júnior
Maria do Carmo
Maria de Fátima Fernandes da Silva
Maria Gorete de Oliveira Beltrão
Marilene Ferreira da Silva
Mariana Maria Damião
Renata Costa Cézar de Albuquerque
Rosiene Silva dos Santos
Severino Francisco Rodrigues
Padre Tiago Thorlby

Imagens: Arquivo CPT NE II Carmelo Fioraso Rodrigo Lobo

Projeto gráfico: Carmelo Fioraso

Tiragem: 2 mil exemplares

Realização:

Comissão Pastoral da Terra - Regional Nordeste II Assentamento Chico Mendes Assentamento Ismael Felipe Assentamento Nova Canaã

Apoio: H 3000/Áustria Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE Pró Reitoria de Extensão da UFPE

Editora: Editora Universitária

Catalogação na fonte: Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

P896 Prado: a re-volta dos camponeses e das camponesas: a luta e a conquista da terra dos trabalhadores e das trabalhadoras sem terra no engenho Prado 1997–2005 / [Comissão Pastoral da Terra]. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. 32 p.: il.

ISBN 978-85-415-0310-5

1. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. 2. Comunidades agrícolas – Pernambuco. 3. Camponeses - Pernambuco. 3. Posse da terra – Pernambuco. I. Comissão Pastoral da Terra.

307.72 CDD (23.ed.) UFPE (BC2013-152)

Índice	5
Apresentação	6
A Zona da Mata Pernambucana: No mar de cana, um mar de injustiça	8
"O que eu entendo sobre minha Região"	10
A vida das famílias Sem Terra antes da ocupação	11
A Ocupação: a mudança de vida começou	12
O sino: espírito de organização do acampamento	14
O dia a dia no acampamento	15
Os principais conflitos que marcaram a luta dos povos dos Prados	18
O primeiro despejo	18
A grande mobilização na Casa Grande	20
Os dois últimos despejos	22
A Conquista da Terra	24
As lições aprendidas com a luta e a conquista da terra	25
Peregrinação à terra prometida	28
The contract of the contract o	AL DE
13-12- 14/16	2
	5

"Sempre digo que relembrar é viver. Que a gente sempre possa guardar a memória, não só dos Prados, mas de todos os que passaram pelo mesmo sofrimento. Que a gente nunca esqueça o caminho por onde trilhamos, por onde passamos, porque isso é muito importante para as nossas crianças, os nossos jovens. A nossa história continuará através deles. Temos que ensinar nossos filhos a continuar lutando por um mundo melhor... Para que possamos trilhar o caminho da liberdade, um caminho honesto, um caminho com igualdade social. Nós somos o menor, mas não podemos nos intimidar. David não temeu o gigante e nós também não tememos o gigante que encontramos pelo caminho".

(Ana Paula da Silva Florêncio)

Apresentação

A publicação que ora apresentamos foi elaborada a partir de um processo de sistematização participativa que envolveu a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e as famílias dos assentamentos de Nova Canaã, Chico Mendes e Ismael Felipe, localizados no município de Tracunhaém, Zona da Mata Norte de Pernambuco. O nosso intuito foi sistematizar parte da experiência vivida por estas famílias, na luta pela conquista das terras do Engenho Prado, onde vivem atualmente.

Essas famílias vivenciaram o que pode ser considerado o mais prolongado e violento conflito pela terra na Zona da Mata de Pernambuco nos últimos anos. Sistematizar esta experiência tornou-se então um desafio pedagógico para as famílias e para a CPT. Revisitar a história, refletir sobre os fatos acontecidos e analisar criticamente os processos vividos, foi um exercício de aprendizagem para todos os sujeitos envolvidos. Ao final do processo, acreditamos que a sistematização, através de metodologias participativas, pode ser um poderoso instrumento para fortalecer as práticas transformadoras. A experiência da luta dos povos dos Prados está repleta de aprendizagens que devem ser disseminadas, como um grande exemplo de ação transformadora, para os povos da terra que se encontram em luta pela garantia de seus direitos.

Este processo de sistematização participativa também foi realizado em outras quatro comunidades camponesas: comunidade de fundo de Pasto Areia Grande e comunidade quilombola Barra de Parateca, no estado da Bahia; comunidade de vazanteiros Pau Preto, em Minas Gerais; e comunidade quilombola de Castainho, em Pernambuco. A iniciativa da sistematização faz parte das ações da CPT voltadas para a defesa dos diretos das comunidades tradicionais e contou com o apoio da Horizont3000/Áustria.



Sobre o processo de sistematização

Foi a CPT quem levou a proposta de sistematização de experiência para as famílias que vivem nos três assentamentos que compõem o Complexo Prado. A consulta ocorreu durante as assembleias mensais dos assentamentos, ainda em janeiro de 2011. Naquela ocasião, as famílias aceitaram participar do processo e apresentaram um novo desafio: "Vamos escrever nosso livro".

O tema escolhido pelas famílias foi: "A re-volta dos camponeses e das camponesas: a luta e a conquista da terra pelos trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra no Engenho Prado", tendo como eixo central os momentos de enfrentamento que ocorreram durante o processo da luta. O período escolhido para ser sistematizado foi: a partir de 1997, ano em que ocuparam o Engenho Prado, até o ano de 2005, quando as famílias conquistaram o direito do acesso à terra.

Foram formadas duas comissões: uma composta por integrantes da CPT e denominada de Comissão de sistematização; outra, formada tanto pelos membros da CPT quando por representantes dos três assentamentos, chamada de Comissão de sistematização ampliada. Esta última tinha como tarefa escutar e registrar os depoimentos das companheiras e companheiros nas comunidades, debater e refletir nas reuniões sobre a história vivida e fazer a memória da luta. Cabia à comissão de sistematização, composta por membros da CPT, animar o processo junto às famílias, recolher os materiais, realizar pesquisas em arquivos e devolver as informações organizadas para as comunidades, gerando novos debates e abrindo novos caminhos para a sistematização. Esses momentos ocorriam em reuniões da equipe ampliada, nas assembleias mensais e em entrevistas com as camponesas e os camponeses dos três assentamentos.

Com um vasto material em mãos, foi elaborado inicialmente um esboço do livro que passaria por vários ajustes, feitos através de diálogos com a equipe de sistematização ampliada. Durante o mês de março de 2013, na cidade de Salvador/BA, foi realizado o "Encontro de troca de experiências" que envolveu todas as comunidades camponesas que participaram do processo de sistematização. Naquele momento, também foram feitas novas reflexões e questionamentos ao material das comunidades dos Prados, que logo foram incorporados pela equipe de sistematização.

É este material, fruto de um processo coletivo de sistematização, que apresentamos. Esperamos que ele possa ser compartilhado e utilizado por outras comunidades camponesas, escolas rurais e organizações populares. Esperamos também que a sistematização desta experiência possa servir como uma memória subversiva para os filhos e filhas da luta do Engenho Prado. Por fim, desejamos que este livro seja um convite a outras comunidades camponesas para que assumam, de forma coletiva, a construção do Brasil que nós queremos.



A Zona da Mata Pernambucana: No mar de cana, um mar de injustiça

A região da Zona da Mata de Pernambuco corresponde a uma área de 8.738 km2 e é composta por 43 municípios. O nome "Zona da Mata" deve-se à Mata Atlântica que, originalmente, cobria toda a região. Contudo, com a colonização portuguesa, a partir do século XVI, o cenário foi mudando. A diversidade, prosperidade e exuberância da região foram destruídas para dar lugar à fome, escravidão e miséria, causadas pelo latifúndio açucareiro que foi implementado na região com a chegada dos portugueses.

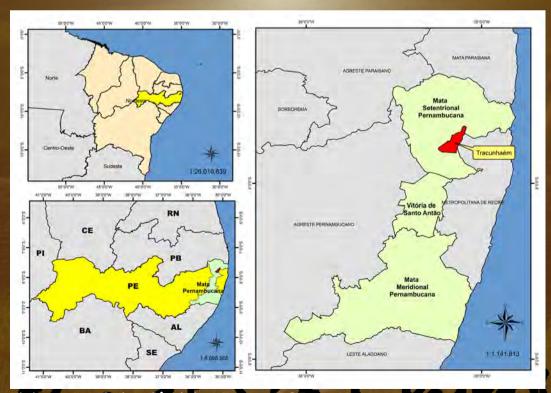
Durante toda a fase colonial, a cana-de-açúcar foi o produto em torno do qual se organizava a economia de Pernambuco. A expansão da produção canavieira na região teve como base algumas características fundamentais. Uma delas foi a utilização da mão de obra escrava. Os portugueses traziam negros do continente africano para escravizá-los nos

"Preste atenção, companheiros Que agora eu vou contar Um pouco da minha vida Você pode acreditar E todo o meu sofrimento Antes de aqui chegar"

(João Tomáz de Aquino)

engenhos de açúcar do Nordeste. Outra característica da instalação da empresa açucareira foi a concentração e utilização de grandes extensões de terras para o plantio da cana-de-açúcar. O principal objetivo era gerar lucros em grande escala para o comércio exterior e a Coroa de Portugal. Por isso, desde o começo da colonização portuguesa, a economia na Zona da Mata assumiu um caráter de monocultivo para exportação e de mão de obra escravizada.

Mapa de localização do Município de Tracunhaém.



Elaboração: Girlan Cândido - Fonte: IBGE

Entretanto, esse modelo de produção não se limitou ao período da colonização portuguesa. Ele perdura até os dias de hoje, deixando graves consequências para o meio ambiente e para o povo da região. Nos últimos anos, enquanto o Brasil se destacou no cenário internacional como um dos maiores produtores de açúcar e álcool do mundo, o povo da Zona da Mata continuou sofrendo as conseguências do agronegócio. Por exemplo: Na década de 70, com a expansão do Programa da Produção da Cana-de-açúcar (o Pró-álcool), houve um dos maiores índices de expulsão do homem e da mulher no campo, sobretudo na Zona da Mata, onde está localizado o Engenho Prado. Estima-se que, neste período, mais de 40 mil sítios na área rural foram destruídos na região para dar lugar ao monocultivo canavieiro. Como consequência, alguns municípios da região possuem, até hoje, índices GINI de concentração de terras que chegam a atingir até 0,919 - pelo índice de GINI, quanto mais próximo do número 1, maior é a concentração de terras. A região também possui um alarmante Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e de analfabetismo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). em Pernambuco, a média de analfabetismo é de 27%, saltando para 45% na zona da mata. É nesta região que o monocultivo da cana-de-acúcar persiste em existir, gerando males e expulsando do campo de milhares de camponeses e camponesas.



"O que eu entendo sobre a minha região"

"O que eu entendo sobre a minha região é um cenário verde, cana de acúcar de todos os lados. Tudo comeca quando entramos em Igarassu, na BR 101. Logo após à Penitenciária começa um tapete verde, quilômetros e mais quilômetros, que eu nem sei distinguir a quantidade de hectares de terra. Entrando no Engenho Pasmado, sentido Aracoiaba, o cenário não muda. Cada vez mais extenso. Ali, nos deparamos com a Usina São José, onde nós vamos encontrar homens e mulheres em situação de trabalho escravo, com um salário muito abaixo da lei. Mas essa é a única opção, porque ali não tem outra coisa. Esses grandes latifundiários se aproveitam da situação para explorar pais e mães de família em um contrato de trabalho de seis meses. Esses homens e mulheres são obrigados a aceitar o que os Usineiros querem pagar. Chegando em Araçoiaba, não encontramos muita coisa diferente. Vemos um povoado espremido entre as Usinas São José, Santa Tereza e o Quartel do Exército. É um lugar sem condições de trabalho, sem lugar da população crescer, porque as terras já são dessas Usinas e do Exército.

Saindo de Araçoiaba e indo em direção à Carpina, o cenário muda um pouco porque encontramos um povo que fez a sua história: as famílias do complexo Prado. Um povo que há quinze anos ocupou as áreas do Engenho Prado. Um povo que, através da sua união, determinação e resistência, não se intimidou diante desse grande latifundiário que é o Grupo João Santos. São pessoas que venceram o preconceito e a dor, de tanto confronto com a Polícia, de idas e vindas de despejos, onde os Policiais Militares e o Governo do Estado na época fizeram com que homens e mulheres, idosos, crianças e jovens fossem massacrados.

Através de tanta luta, não deixamos de acredi-

tar que Deus estava com a gente e que a justiça seria feita para o povo que fez, faz e vai continuar fazendo a história, colocando comida sem agrotóxico na mesa dos pernambucanos.

Bem, voltando para o cenário da região: atravessamos os assentamentos e a cena volta a ser a mesma: cana-de-açúcar. Tem a Usina Petribú cortando os assentamentos, é mais cana-de-acúcar. Tem a Usina Santa Tereza do outro lado, mais cenário de cana-de-açúcar; tem a Usina Olho 'água no município de Aliança. O que eu entendo é que a fonte de renda da região é o trabalho escravo encontrado nessas Usinas, que cortam vários municípios da zona da mata norte. Isto é o que eu entendo do contexto da minha região." (Ana Paula da Silva Florêncio)

Foi nesta região da Zona da Mata que, em 1997, aconteceu um dos mais prolongados e violentos conflitos de luta pela terra no estado de Pernambuco. O município de Tracunhaém, mais precisamente o Engenho Prado, foi o "palco" deste conflito. Foram aproximadamente 300 famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra, organizadas com o apoio da CPT, que ocuparam em fevereiro daquele ano as terras da Usina Santa Tereza. A ocupação foi uma estratégia para reivindicar e pressionar o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para atuar na desapropriação de cerca de 2.600 hectares do imóvel para fins de Reforma Agrária.

A propriedade pertencia ao grupo João Santos, que dominou por mais de 90 anos grande parte das atividades canavieiras na região da Mata Norte do estado, tornando-se um dos grupos empresariais mais influentes na política estadual e nacional, com ramificações em órgãos públicos e no setor privado. Além do setor sucroalcooleiro, o Grupo diversificou suas atividades econômicas, sendo também um dos maiores fabri-

cantes de cimento do Brasil (Cimento Nassau), além de deter a concessão

de meios de comunicação.

A vida das famílias Sem Terra antes da ocupação

O grupo de Sem Terras que ocupou o Engenho Prado era formado por famílias oriundas do campo. Seus pais e mães nasceram nos engenhos da região, eram moradores e moradoras dos sítios, trabalhavam na agricultura ou cortavam cana para as Usinas. Entretanto, o funcionamento do monocultivo da cana-de-açúcar se dava da seguinte forma: ao se expandir, a Usina engolia os Engenhos, que por sua vez, engoliam os sítios dos moradores que, por consequência, iam morar nas periferias das cidades da Zona da Mata, ou nas "pontas de ruas", como os trabalhadores e trabalhadoras costumam chamar. Essa lógica de expulsão das famílias do campo garantia para as Usinas uma grande quantidade de mão de obra barata, além de grandes extensões de terras.

"Eu Trabalhava em uma granja de galinha no município de Paudalho, a Ovomalta. Eu era aviarista. O meu pai nasceu nos Prados, foi batizado naguela Igreja que ainda existe ali. Ele morava e trabalhava para o dono de Engenho, mas foi expulso ainda novo porque quem mora nos Engenhos é até quando o dono quer. Quem mora nos Engenhos não tem sossego. O meu pai não tinha hora pra trabalhar e quando o trabalhador estava explorado, o dono de Engenho mandava embora. Quando eles precisam do trabalhador, eles exploram, exploram e depois despedem o trabalhador sem nenhum direito. Ai, meu pai botou as trouxas na cabeça, a família na frente, e foi embora. Meu pai arrumou um sitiozinho na área do Exército e criou os filhos lá, mas como era considerada uma área de risco, eles colocaram as famílias numa cidade próxima, que era Araçoiaba. A família do meu cunhado também era dos Prados, mas também saiu de lá nos anos 80. O meu sogro morreu dentro do Engenho e o dono fez o enterro, mas descontou do dinheiro que dava ao meu cunhado. Ele saiu de lá porque não tinha condições de ficar. Era pra trabalhar até morrer." (Maria do Carmo)

"Eu era um desempregado Trabalhava voluntário Como não era fichado Não ganhava um bom salário O que eu ganhava Não dava pra comprar o necessário"

(João Tomáz de Aquino)

"Sou de um Sítio em Bom Jardim. É uma vida sofrida na terra dos outros, mas estou sempre na agricultura. É minha opção de vida. Vim para a Zona da Mata e com 22 anos fui escravo na Usina São José. Isso foi em 1988. Trabalhei, fui humilhado. Ainda hoje sou revoltado com a humilhação que sofri". (Cláudio da Silva)

"Eu morava em Itapissuma. Trabalhava na maré. Ali eu tirava a ostra, tirava o sururu pra dar de comer aos meus filhos. Ali foi um tormento triste, foi uma luta terrível. Ali eu não tinha nada. Quando foi um tempo, chegou um homem que morava por lá e disse: 'Olha Dona Rosiete, o povo tá ocupando uma terra, a senhora quer ir?' Eu disse: 'Oxe, eu vou!' Ai, ainda fiz reunião com a CPT, com Marluce, com o Padre Thiago... ai eu disse assim: 'Meu Deus, e agora?' É porque eu ouvia dizer que a pessoa quando acampava, o capanga ia tirar a gente de noite, podia até matar... Meu filho mais velho dizia: 'A senhora como é que vai com aqueles meninos pra uma coisa daquelas, mãe, a senhora é doida é? Eu vejo no repórter que quando o povo ocupa as terras, mata o pessoal todinho'. Eu disse pra ele: 'Eu mesmo vou, que eu não tenho casa. Ainda mais porque um dia eu ouvi a palavra que Jesus ia me dar um lar. Eu não tenho medo mesmo'. Ai se aproximou esse dia. Meu outro filho mais novo que morava comigo, Cal, disse: 'Eu também vou, mãe'. Respondi: 'Oxe, a gente vai sim!' Ai nesse dia Cal foi pra maré de manhã bem cedo, arrumou dinheiro, fez uma compra, comprou umas lonas, ai eu disse: 'É agora!'". (Rosiete Silva dos Santos)

A Ocupação: a mudança de vida começou

Aquelas famílias, que viviam em condições desumanas nas periferias das cidades da Zona da Mata, exploradas pelo monocultivo da cana-de-açúcar, não aceitaram o destino que lhes era imposto. Organizaram-se e se re-voltaram em luta com um grande objetivo: mudar de vida!

No final de 1996 e início de 1997, a notícia de que uma ocupação de terra seria realizada se espalhou entre os trabalhadores e trabalhadoras que viviam nestes municípios. Com o apoio da CPT e através de um processo organizativo e de formação, as famílias Sem Terra foram se fortalecendo na perspectiva de retomar as terras onde um dia seus antepassados viveram.

O Centro Social Urbano (CSU) do município de Igarassu era o lugar onde os trabalhadores e trabalhadoras realizavam as reuniões de preparação para a ocupação. Essas reuniões, que sempre tinha a presença de representantes da CPT, serviam como espaço de diálogo e animação das famílias para a ocupação. A cada reunião marcada, aumentava o número de participantes que se interessavam em transformar suas histórias.

O sentimento de coletividade crescia e dava a força necessária para enfrentar o que eles até então pensavam ser indestrutível: um dos grupos econômicos mais fortes de Pernambuco e do Nordeste, o Grupo João Santos: "Quando a gente começou a nossa luta, diziam que ninguém conseguia mexer no que era de João Santos." (Marilene Ferreira)

Em 9 de fevereiro de 1997, um dia de muita chuva, as famílias ocuparam o Engenho Prado e deram início a uma luta que duraria anos e que transformaria suas vidas e a história da região. As famílias ficaram acampadas em cerca de 500 hectares de terra e imediatamente começaram o cultivo de alimentos.

A trabalhadora rural, conhecida como Dona Zeza, comenta que no dia da ocupação, ela e todas as famílias sabiam que estavam a caminho

"Mas um dia eu estava Em casa quando um rapaz Chegou um pouco assustado Para mim assim falou Tu visse, João de Quina Um povo que aqui chegou?

Ai eu fui até lá Somente pra conhecer Vi um Padre conversando Sem nada compreender Foi, não foi, ele citava O nome da CPT

Eu perguntei O que é que eles estão fazendo aqui? Disse ele: Reunindo os que querem possuir Terra para plantar E casa pra construir"

(João Tomáz de Aquino)

de uma terra que iria mudar suas vidas. Ela pegou o colchão e a roupa, deixou os meninos com sua mãe e foi embora junto com os demais trabalhadores e trabalhadoras. "Na época, tava passando a novela Rei do Gado. Minhas irmãs não vieram para a ocupação e não queriam que eu viesse" comentou. Já no ônibus, durante a viagem do Centro Social Urbano em Igarassu (CSU) até o local da ocupação, Dona Zeza lembra que as famílias só falavam em mudar de vida. Ela conta: "o ônibus parou em frente à Casa Grande da Usina Santa Tereza. Era um domingo de carnaval. Tava chovendo muito, tinha muita lama". As famílias desceram dos ônibus e entraram na terra. Logo começaram a fazer os barracos. Dona Zeza lembra que ela e muitas famílias não conseguiram dormir no primeiro dia da ocupação. "Eu tinha medo dos capangas da Usina e tinha que vigiar a noite"



"Eu tinha sete anos quando fui para a ocupação com minha mãe e irmãos, em 9 de fevereiro de 1997. Eu não entendia muito, mas era uma animação, um aconchego. Chegamos e já fomos arrumando tudo, uns pegando paus ali, outros fazendo os barracos. Neste dia de noite foi um vento, uma chuva... Eu lembro que minha mãe passou a noite toda segurando o pau do barraco pra não voar e cair em cima da gente. No outro dia de manhã, a gente acordou já cheio de polícia" (Rosiene Silva dos Santos)

"A chuva passou por debaixo do barraco e molhou os lençóis e as roupas. Ai, sentei e botei a cabeça dos meninos no meu colo para eles não se molharem". (Elisama) "Na ocupação da Terra, o repórter dizia logo que aquilo ali eram vândalos. E eu ficava pensando: como é que eles, que tem um estudo, inteligentes, botavam os trabalhadores para aparecer na televisão como vândalos, como criminosos, terroristas? Em todo o lugar o povo tem seus direitos e a gente queria lutar pelos nossos, a gente queria uma resposta dos nossos direitos. Isso não era errado". (Joba Udon)



O Sino: espírito de organização do acampamento

Logo nos primeiros momentos dentro do acampamento, as famílias perceberam que era preciso ter uma forma de comunicação rápida, que avisasse a todos e todas sobre qualquer situação de emergência que precisasse ser resolvida ou enfrentada. Foi então que um sino chegou ao acampamento. Quando tocado, onde quer que chegasse o seu

ver junto. Foi a partir daí que começou a organização no acampamento. Quando batia o sino, todo mundo corria pra se reunir. Não tinha hora pro sino tocar... se tava deitado, levantava. Um saía acordando o outro: "Olha a assembleia!". De criança a adulto. Foi ali, com o sino, que surgiu a nossa organização dentro do acampamento... e foi através

dessa organização que a gente tá aqui hoje." (Ana Paula da Silva Florêncio)

"Só tocavam o sino quando estava acontecendo alguma coisa séria. Não tinham hora pra tocar. Quando tocava, corria todo mundo, não ficava ninguém dentro dos barracos. De manhã bem cedo, tomando café, quando a gente escutava o barulho do sino 'tengo, tengo, tengo, tengo', derrubava tudo no chão e saia correndo pra ficar todo mundo junto". (Rosiene Silva dos Santos)

"No acampamento, eu ficava mais na parte de vigia. Era como se eu fosse o

chefe de vigia (risos)... Na vigia, quando acontecia qualquer coisa, a gente batia logo o sino pra alertar o pessoal e todo mundo se acordava, na correria e já gritando: 'Pega ou não pega!? Pega!' 'Ban, Ban, Ban'. Todo mundo já sabia o que tinha que fazer. Nunca mais me esqueço do barulho do sino tocando, toca na minha cabeça de vez em quando até hoje. Era tão importante esse sino pra gente que quando teve o despejo de 2003, a primeira coisa que a polícia fez foi pegar o sino e levar embora pra que ninguém pudesse ser avisado do que iria acontecer". (José Cosmo)



som, as famílias estariam em alerta e avisadas que precisavam se reunir com urgência para resolverem juntas as situações emergenciais do acampamento. A cada toque do sino, fortalecia dentro de cada sem terra, o espírito da organização, da união e o sentimento de coletividade.

"Quando a gente escutava a sineta tocar, todo mundo deixava tudo o que estava fazendo e saia correndo para a Assembleia. Deixava queimar a beira de carne que tinha, deixava o café... A gente tinha que ir... O povo já era ligado, quando o sino tocava era porque tinha algo importante pra conversar e resol-

O dia a dia no acampamento

"No acampamento foram formadas as comissões de vigilância, alimentação, limpeza, saúde e remédio, comissão de falar com a imprensa, tinha o coordenador, o tesoureiro, o vice tesoureiro, secretário. As comissões eram agregadas umas a outras, muito unidas. Uma ajudava a outra. Não quer dizer que se eu era a secretária, eu não deveria estar junto das outras comissões, da vigilância,

alimentação, do que precisasse...". (Maria do Carmo)

"Mas não precisava ficar discutindo, todo mundo já sabia o seu lugar, a sua função e o que fazer". (Ana Paula da Silva Florêncio)

"Uma coisa era minha mãe falar, durante esses anos todos vivendo como sem terra, outra coisa é a gente viver essa vida. Fui muito feliz no acampamento. Nosso dia-a-dia no acampamento era às 4h30 ir pro roçado, 7h o café, o almoço... À noite, era dominó à luz de velas ou jogando conversa fora... Tinha o Encontro de Irmãos, que era o momento de reflexão e oração. Houve

muita reza nos acampamentos, indo de um para outro. As mulheres lavando roupa, preparando comida. Os homens ajudando com a lenha, a água e pegando as panelas pesadas. Tinha a cozinha coletiva. Uns ajudavam no roçado do outro: trabalho coletivo que muito chamou minha atenção. Tinha encontro de mulheres com arte e artesanato. Tinha momentos de repartir as doações que chegavam. Chegavam sempre doações lá no INCRA e no acampamento, mas sempre faltava algo. Então foi necessário se dividir em grupos para pedir ajuda de alimentos. Me colocaram na comissão de frutas e verduras

na Ceasa. No começo eu fiquei com um pouco de vergonha, mas depois tirei de letra, eu e meus companheiros que foram comigo. Tinha gente para dar aulas aos adultos e crianças. Tinha até alguma desavença, mas tudo com ordem e decência.

As crianças foram crescendo, virando adultos, ensinando as outras crianças. Não tem



criança que, já adulto, tenha saído daqui e se envolvido no mundo de drogas, do crime. Não aceitavam bebida no acampamento. A gente via o respeito que as pessoas tinham de não beber no meio das crianças, das mulheres. O povo da região aprendeu a nos tratar com respeito e não como "invasores", "tomadores das coisas dos outros". Tudo aquilo me fez ver

a importância de algumas coisas que até então eu não dava o valor necessário. E ali, fui me apaixonando pela vida de sem terra". (Ana Paula da Silva Florêncio)



tá tranquilo como tá nas carreiras. Né todo mundo que aguentava aquela luta não, bastante gente foi embora. Agora só saio daqui pro cemitério". (Cosma Maria)

"Era uma vida boa. Toda a vida trabalhei. Toda semana ia para a feira. No começo foi difícil. Quando tinha conflitos era difícil. A comissão exigia para as famílias ficarem no acampamento por conta da segurança". (Dona Zeza)

"Fui pro Prado pegando chuva, sol, passando fome, correndo de polícia, vendo os tratores derrubando tudo... só sei que graças a Deus resistimos e viemos pra cá. A pessoa viver na chuva mesmo... os meninos pequeninhos iam dormir e eu ficava com a sombrinha em cima da cabeça deles pra não levarem chuva. As lonas, tudo rasgado, que o vento rasgava tudo. E eu ficava... acertava a sombrinha na cabeça dos meninos pra eles dormirem. Passava a noite todinha desse jeito. Mas graças a Deus agora eu consegui, depois de todo o sofrimento. Ali no acampamento, tanto fazia

*(26(1.46)

Foto: Arquivo CPT NE II

"A gente tinha uma horta medicinal muito grande, com muita variedade de plantas, mas foi destruída em um dos despejos. Eles destruíram, passaram a máquina por cima e ainda ficou um policial lá com os capangas da Usina e a gente não podia ir lá buscar nada.

Durante o tempo que a gente teve essa horta, poucas vezes a gente precisou ir no hospital, a gente cuidava da saúde das crianças, dos anciãos, das mulheres, dos jovens, tudo com as plantas medicinais". (Maria do Carmo)

"No acampamento a gente passou muitas dificuldades também. A gente comia o que chagava. O que tinha plantado, a gente dividia com todo mundo. A coisa mais difícil era a água longe e sem energia. Eu pensava muito que não ia conseguir a terra. Durante o acampa-

mento lembro também que tinha as viagens e atividades dos Sem Terrinhas, que meus dois filhos iam. E as decisões do que ia fazer eram tomadas por todos." (Dona Isaura)

"No acampamento também tinha uma Escolinha. A gente ia pra lá. Cícero, um dos acampados, cantava músicas, a gente desenhava, contava histórias. As salas eram divididas por palhas de cana e tinha o lanche, que era bolacha e mel. Tinha outra coisa boa que eu não me esqueço: no acampamento tinha um pé de manga e um pé de jaca. Era ali que a gente criança se divertia, a gente brincava de pega, esconde-esconde, de balanço. Quando uma manga caia no chão era uma curtição, todo mundo saia correndo pra pegar. Se utilizava água do rio e sempre na hora do despejo as crianças ficavam sempre na frente. Tinha raiva de ficar na frente dos policiais, porque a gente só sabia de uma coisa, que eles queriam tirar a gente de lá. Isso sem sombra de dúvidas. Mas não dava muito medo porque a gente estava com as mães, com os pais, então a gente se sentia protegido."(Rosiene Silva dos Santos)





Os principais conflitos que marcaram a luta dos povos dos Prados

Durante o período de fevereiro de 1997 até o ano de 2005, vários acontecimentos marcaram a luta pela terra no engenho Prado: Bloqueios de BR e estradas, várias ocupações no INCRA, na prefeitura de Tracunhaém, em Praças e outros órgãos públicos, mobilizações, protestos, marchas, assembleias, audiências, julgamentos, viagens à Brasília, atos de solidariedade. Em contraponto, também aconteceram perseguições, ameaças, destruições, despejos, intimidações, mortes. Foi um tempo repleto de histórias. Mas, de todos esses episódios, quatro marcaram os Sem Terra do engenho Prado: o primeiro despejo; a grande mobilização na Casa Grande; e os dois últimos despejos corridos no ano de 2003.



O primeiro despejo

No dia 06 de março de 1997, com menos de um mês de acampadas, as famílias do Engenho Prado sofreram o primeiro despejo. A Juíza da comarca de Carpina, Dra. Karina Pinheiro D'Almeda Lins, acumulando a comarca de Nazaré da Mata, elaborou um termo de compromisso no dia 05 de março daquele ano, para que os ocupantes deixassem a propriedade sem força policial até às 9h do dia seguinte. A força policial só seria utilizada caso os ocupantes não cumprissem o que estava acordado no termo de compromisso. Ao saírem da

propriedade, os sem terra foram para as margens da estrada que dava acesso ao acampamento. Na época, ao serem perguntados pelos jornais, os sem terras falaram que ocuparam as terras para "garantir um pedaço de chão para produzir e criar nossos filhos" (JC, 06/03/1997). Mesmo saindo da propriedade, os sem terras continuaram plantando alimentos e sem permitir que o proprietário plantasse cana (JC, 07/03/1997). Naquele momento, o Pe. Pedro e o Pe. Manuel acompanharam as negociações. Na ocupação havia 210 crianças e 450 adultos, segundo levantamento feito pelos próprios sem terras.

"Quando a gente menos esperava, tava tudo forrado de policiais, batalhão de choque, cachorros, cavalos. Foi muito difícil. Eles botaram os tratores nas lavouras enquanto a gente ainda tava tirando as coisas. Quando o povo viu os tratores passando por cima das lavouras que tinha plantado com tanto sacrifício, o povo foi pra cima". (Maria do Carmo)

"A gente tava na assembleia quando olhamos para o alto da estrada e vimos muitos policiais. As mulheres e os meninos ficaram na frente cantando: 'Nós queremos terra e pão, a polícia é pra ladrão!'. Quando a Polícia chegou, perguntou quem era o líder e todos responderam que eram todas as 300 famílias". (Seu Arlindo)

Com a persistência das famílias em continuarem com o acampamento e a reivindicação das Terras, a Usina passou a intensificar as ações para plantar cana e expulsar os sem terras do local. A Usina começou a propor "acordos" e a "oferecer" dinheiro para as famílias em troca de suas lavouras. No entanto, estes "acordos" previam a destruição de toda a plantação e a saída imediata da família do acampamento. "A usina trouxe um saco de dinheiro para negociar. Teve muita gente que foi embora e aceitou que a Usina destruísse suas lavouras", relembra Dona Zeza. "Ai gritamos: negrada!
Acorda e presta atenção
Olha ali para a estrada
Vem soldado de bobotão
Todo mundo levantou-se
Com as ferramentas na mão

A gente se aglomerou Bem em frente ao batalhão Mulher com os filhos nos braços Nós com enxadas na mão Gritamos para os policiais 'Nós queremos terra e pão!'

> O coronel não gostou Achou que era agressão Disse: 'não precisa disso Não quero aqui confusão' Apresentou para nós Carta de reintegração"

(João Tomáz de Aquino)



A grande mobilização na Casa Grande

Ao lado do acampamento, estava localizada a Casa Grande da Usina Santa Tereza. Uma das trabalhadoras acampadas denuncia que "aquela Casa Grande servia como Quartel General da Polícia. Eles dormiam e tudo na Casa Grande. A Polícia vivia na casa com armas, em cima de um jipe, apontadas para o acampamento, amedrontando as crianças, todo mundo. Eles estavam lá para proteger o patrimônio da Usina, estavam a serviço da Usina", relembra. "Ali na Casa Grande eles amedrontavam todo mundo. Os trabalhadores passaram muito sufoco ali e pelos momentos difíceis eu digo que aquela terra

não tem preço", enfatiza outra agricultora. As Casas Grandes, na região da Zona da Mata, eram símbolos da opressão da elite latifundiária e canavieira do Estado contra os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Enquanto existisse, a lógica da escravidão e da senzala estaria viva entre todos os povos que sofreram as injustiças sociais e a opressão do latifúndio. Foi este sentimento que reuniu, no dia 19 de maio de 2003, milhares de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra de várias partes do estado para realizarem uma grande mobilização na Casa Grande da Usina Santa Tereza.





"Ali na Casa Grande ninguém tinha visto coisa daquelas, meu Jesus Cristo. Tinha umas 3 mil pessoas naquele dia. Diziam assim: 'Vamos ocupar a casa do Fazendeiro!. Mas como é que eles iam fazer isso? Como era? Foi tanta gente... tava tudo, tudo, tudo. La vai aquela fila de gente, tão grande nesse mundo, que no caminho nem dava. Depois chegou a Polícia. Ficou cheio

de policial, mas eles não puderam fazer nada, era muita gente. A Polícia ficou lá só olhando... ligaram pra Usina, mas disseram assim: Quem é que vai? Sabe quantas pessoas tem? Pronto, ninguém vai agir não. Tinha muita gente, não tem quem possa. Só Jesus mesmo é quem podia", relata uma trabalhadora.

Após a mobilização na Casa Grande, o problema da concentração da Terra na região da zona da mata ganhou ainda mais repercussão nacional e internacional, deixando mais nítida a necessidade urgente da Reforma Agrária na região. A partir desta data, o conflito agrário entre trabalhadores rurais sem terra e o latifundio entrou em um novo momento, ainda mais intenso.



Os dois últimos despejos

Em 2003 ocorreram os dois últimos despejos, realizados por ordens judiciais, contra as famílias Sem terra do Engenho Prado. O primeiro aconteceu no dia 06 de julho. As famílias saíram da área na quinta-feira, mas retornaram no dia seguinte. Naquele momento, como consequência do retorno e permanência das famílias na Terra, a Usina intensifi-

cou diversas ações e estratégias para expulsá-las da área. Uma delas foi aumentar ainda mais o plantio da cana-de-açúcar. Por isso, as famílias no acampamento decidiram monitorar a ação da Usina: quatro pessoas por dia eram escolhidas para verificar em todo engenho se a Usina estava plantando cana de açúcar. Em uma destas averiguações, os trabalhadores e trabalhadoras descobriram que a Usina estava plantando bambu. cedo até às duas da tarde. "Toda vez que a gente descobria que a Usina estava plantando, a gente ia parar e arrancar tudo", relembra a trabalhadora. A intensificação das plantações por parte da Usina era uma forma de mascarar a improdutividade da terra, mesmo com um processo de desapropriação já em andamento no INCRA.

Foto: Rodrigo Lobo

"Fizemos uma assembleia e decidimos arrancar tudo", afirmou uma das trabalhadoras. Nesta ocasião, as famílias, em mutirão, arrancaram as plantações de bambus, de manhã O segundo despejo de 2003 ocorreu no dia 01 de novembro. Esse foi o mais violento. A Polícia, além de destruir os pertences das famílias, destruiu também todas as lavouras e

alimentos produzidos pelos trabalhadores. Segundo Dona Zeza, "as máquinas destruíram tudo e não deixaram nem fazer o mingau das crianças. Colocaram spray de pimenta na gente, destruíram até o pé de Jaca".



"O fato que fica na memória foi esse despejo. A alimentação sendo destruída, o direito do povo não foi respeitado, as crianças, os idosos, a Igreja, as casas, as piscinas de peixe... tanto tempo para construir e foram destruídos em tão pouco tempo. Spray de pimenta. Polícia com arma na mão. A gente não podia fazer nada senão resistir, pois tinha o Juiz a favor deles. Era como na história de Davi: o menor no meio dos grandes." (Ana Paula Florêncio)

"A gente perdeu tudo. Foi passado o trator por cima da plantação e acabou com tudo. Todo o sonho que a gente tinha, tudo o que a gente tinha construído, foi destruído num momento. Coisa de 7 anos, eles destruíram num momento" (Ezequias Pereira)

"Tudo o que vocês podiam imaginar tinha na hora do despejo. Eles não respeitaram mulher, criança, nossos companheiros apanhando na nossa frente sem a gente poder fazer nada. Foi um despejo muito pesado." (Maria de Fátima Fernandes da Silva)



Depois desse despejo, uma comissão de famílias acampadas foi à Brasília denunciar as violações sofridas e intensificar as pressões para a desapropriação das Terras. "Tive um sonho com Lula cortando cana em Tocos - um dos Engenhos da Usina Santa Tereza reivindicados pelas famílias. Ele estava todo sujo e perguntou o que eu queria. No sonho eu respondia que queria os Engenhos do Complexo Prado. Lula respondeu dizendo: 'vocês já ganharam e não tem quem tire'. (Bambú)



A Conquista da Terra

Em 2003, as famílias conquistaram a primeira grande vitória: a desapropriação do primeiro Engenho, chamado de Penedinho, que se transformou no assentamento Nova Canaã e onde foram assentadas parte das famílias.

"Em 2003, nós conseguimos desapropriar uma das áreas da Usina, que tinha capacidade para 39 famílias, mas só que tinham quase 200 famílias acampadas. Então nos reunimos e decidimos fazer um sorteio de 39 famílias pra ir pra área já desapropriada. Ai, teve o sorteio e então surgiu o assentamento Nova Canaã, mas as outras famílias permaneceram acampadas. Mas, mesmo com esse decreto de desapropriação, foi muito difícil, porque era numa área que pra gente passar, tinha que passar por toda a polícia e os capangas. E já depois da imissão de posse, a Usina e a Polícia

ainda tentaram dar despejo em nós. Mas conseguimos evitar isso. O momento triste aconteceu, mas hoje o momento é de vitória. A luta hoje é de resistência, pela permanência na terra que conquistamos." Severino Francisco Rodrigues

As demais famílias continuaram acampadas, mobilizadas e enfrentando as violências da Polícia e da Usina. Em 25 de novembro de 2005, saiu a desapropriação dos outros três Engenhos da Usina Santa Tereza: Tocos, Papicú e Taquara, que se transformaram nos assentamentos Chico Mendes e Ismael Felipe. Com as desapropriações, as famílias do Engenho Prado definitivamente conquistaram o direito à Terra, pondo fim a um conflito que durou 9 anos.



Lições aprendidas com a luta e a conquista da Terra

"Tiramos o latifúndio e colocamos alimentos baratos e saudáveis nas feiras. Hoje, onde eu chegar e falar que sou desse assentamento, sou recebido. Sempre tive o sonho de ter um pedaço de terra e sair da escravidão que é trabalhar para os outros, cortando cana. A escravidão acabou! Esses que estão aqui podem dizer que estão libertos das Usinas." (Bambú)

"Aprendi muita coisa boa. Encontrei a melhor coisa da minha vida: Liberdade... plantando, colhendo. Me sinto feliz aqui: trabalhar, produzir. Nunca tive uma riqueza assim. Houve coisas boas e coisas ruins, mas vale a pena lutar. Teve luta, teve choro, teve morte. Mas a gente não desistiu e venceu. Aqui foi uma faculdade que vai servir para muitas coisas e para os nosso filhos. Hoje estamos aqui, agradecendo a Deus. Nunca faltou comida em minha mesa. Os sem terras foram uma escola, a faculdade da nossa vida." (Maria de Lourdes)

"Aprendi a repartir e o valor do coletivo, onde o pouco se torna muito. Todos juntos, uma só voz para chegarmos juntos. Aprendi a união, a solidariedade das pessoas conosco. Sozinho, a gente não chega em lugar nenhum. Essas coisas me tornaram uma pessoa bem melhor. Aprendi o compromisso com a luta e o porquê de nós estarmos aqui. Sonhos, ideais. Temos que educar os nossos filhos para que estejam na luta daqui a 20 anos. Temos que educar para o valor da conquista da terra. Se não educar, vão trabalhar para o patrão nas fábricas. Aprendi, não na escola,

mas aqui neste lugar, e sou muita grata a Deus por estar aqui. Sou uma das pessoas mais felizes aqui em Taquara, onde crio meus filhos, longe das ruas, do caminho errado, onde a gente vê todos os dias crianças e adolescentes no mundo das drogas e da prostituição. Todos os dias, temos que amanhecer e agradecer a Jesus: graças a Deus, estou aqui" (Ana Paula da Silva Florêncio)

"Eu amo a Mãe Terra. É ela quem produz pra gente viver. É muito bom estar na nossa terrinha, mas ainda enfrentamos muitos problemas. O Governo acha que fazer a Reforma Agrária é pegar o povo e botar na terra, sem ajudar os pais de família". (José Udon)

"Se meu pai lutou tanto nesta guerra, foi humilhado, cuspido, mal tratado... porque não dar valor a esta Terra? A batalha continua, precisamos continuar na luta. Sempre me inspiro no meu pai. Hoje eu me sinto orgulhoso de não receber ordem de ninguém. Não tenho o compromisso de ser escravo de ninguém." (Joba Udom)

"A gente não se acovardou diante do 'senhor do engenho'. Não baixamos a cabeça. Conseguimos nosso objetivo. Enfrentamos o Grupo João Santos, mesmo sabendo da violência dele contra os trabalhadores. Como será daqui a 20 anos em Pernambuco, no Brasil? Vou estar realizada, com a terra do jeito que sonhei, plantando, produzindo, fornecendo alimentos". (Marilene Ferreira da Silva)



"É uma história de muito sofrimento, com sol, com chuva. Quem nos ajudou foi Deus, a CPT e muita gente de fora. O que a gente pôde fazer, a gente fez. Foi uma vitória muito grande que a gente teve. Morreu gente, matado, queimado, afogado, de doença. Hoje, tiro meu pão daqui de dentro: macaxeira, fava... A luta não foi em vão. João Santos disse que não ia dar uma palma de terra para nós aqui, e agora ele só tem 7 palmas de terra na cara dele (faleceu em 14.04.10). Dou muito valor à CPT: cobertor na hora do frio, remédio para doente, comida". (Maria José)

"Muitos não sabiam nem assinar o nome e a gente achou a necessidade de ter uma sala de aula pro povo aprender dentro do acampamento. Hoje, essas pessoas sabem assinar, sabem pegar um carro. Eu tinha o desejo de ler e hoje já sei ler a bíblia, sei qual o ônibus que eu vou pegar. A gente enfrentou muita coisa. O Padre Thiago disse muitas vezes que o povo ia enfrentar o pão que o diabo amassou, e a gente enfrentou. Mas depois do fel amargo, veio o mel. Às vezes eu digo ao povo: 'Essas abelhas que vocês têm ai, esse mel que vocês têm ai hoje é o mel que tá chegando, o doce, porque a amargura a gente já passou'. Se a gente não tivesse fé, garra e coragem não chegaria a lugar nenhum. Por isso mesmo que quando a gente chegou aqui, fizemos uma reunião, sentamos umas 3 ou 4 vezes e colocamos o nome desse assentamento de Nova Canaã. Porque a gente disse: 'O povo de Deus saiu do Egito em busca de uma terra boa onde ia encontrar o pão e o mel e a terra fértil'. Eles andaram 40 anos pra primeiro chegar numa terra boa. Muitos ficaram no caminho, morreram e outros desistiram... o povo de Deus conseguiu chegar na Terra de Canaã e a gente também conseguiu. Isso foi uma grande vitória". (Maria do Carmo)

"A conquista foi por causa dos acampados, do apoio da CPT, e tinha muita ajuda de fora. A luta era grande, a união era maior". (Seu Josimar)

"Olhem as fruteiras, a criação, o roçado! É uma luta difícil, mas vale a pena lutar pela Reforma Agrária. Ai de nós se não tivesse os que lutam pela Reforma Agrária". (Claúdio da Silva)

"E hoje, tenho liberdade. A gente acorda de manhã, ouvindo os pássaros cantando. Foi a melhor coisa que eu fiz: ser livre e não trabalhar para os outros pra passar fome. É uma boa história para contar, uma história bonita. Ganhamos a casa. Passamos a ser independente". (Seu Rosivaldo)





Peregrinação à terra prometida

"Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei".

Nome do imóvel: Engenho Prado, Grupo Prado.

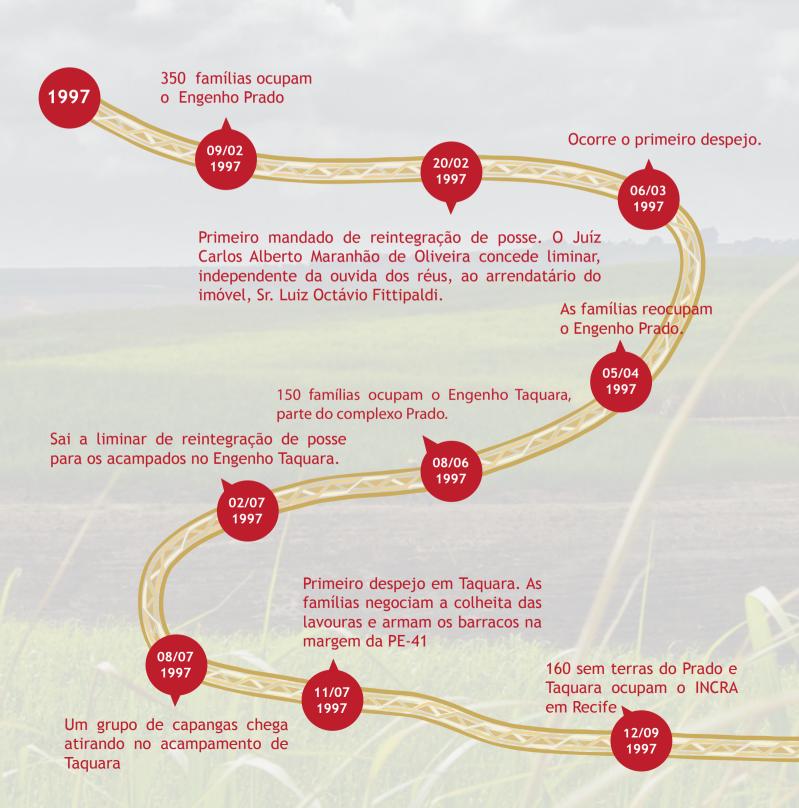
Município: Tracunhaém/PE

Código do imóvel: 2301890009575-0

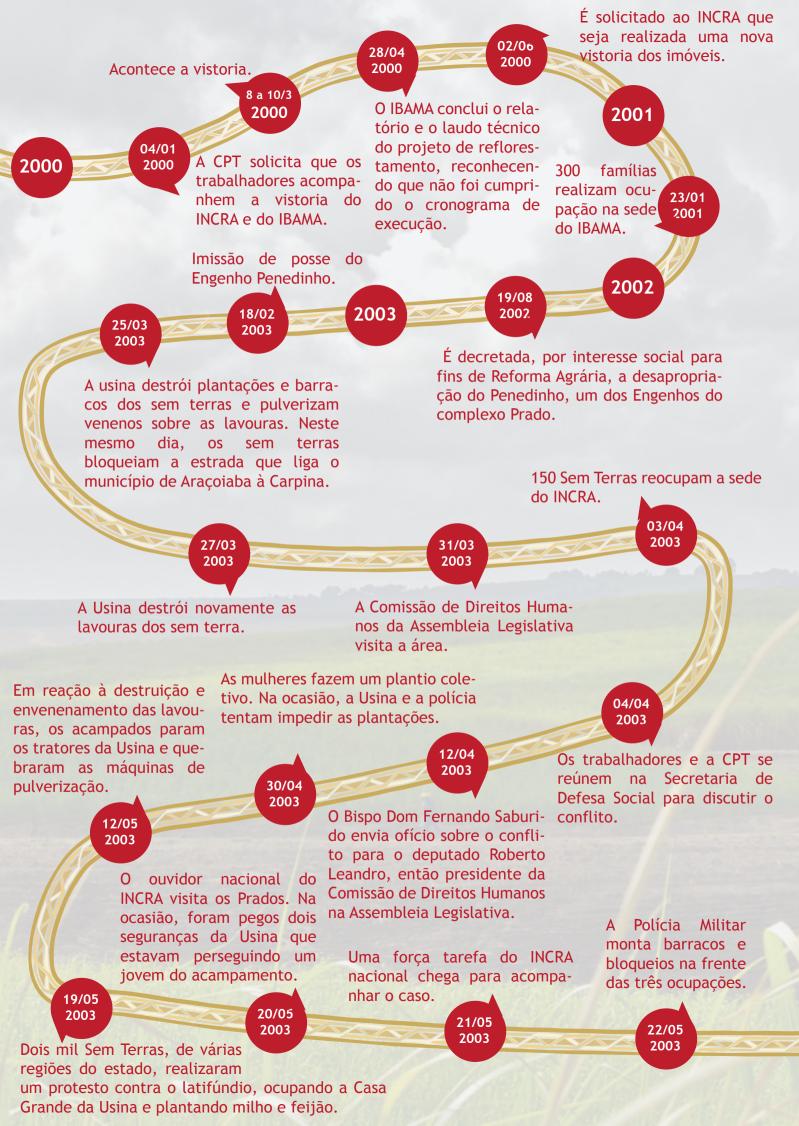
Proprietário: Cia. Brasileira de Equipamentos.

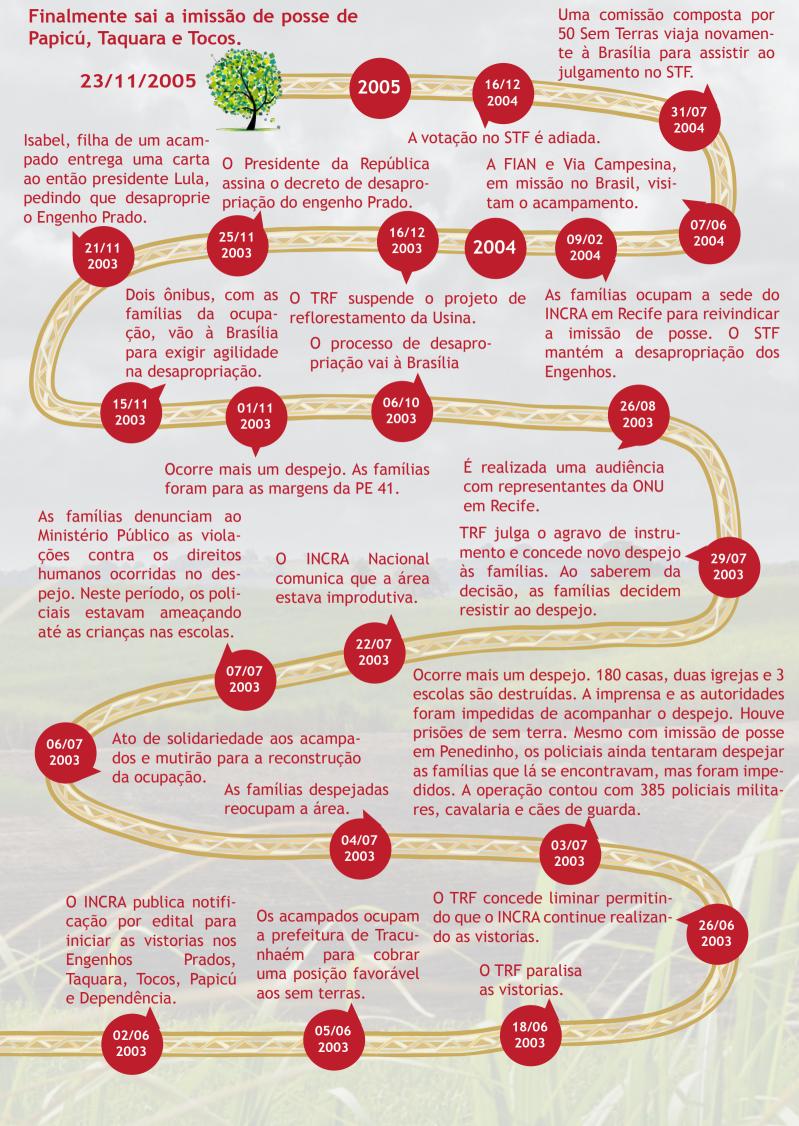
Área: 3.603,20 ha

Art. 184, C.F. 1988









Publicação:



COMISSÃO PASTORAL DA TERRA NORDESTE II E-MAIL: INFO@CPTPE.ORG.BR WWW.CPTNE2.ORG.BR

Apoio:





